



ASSASSINATOS NA RUA MORGUE

E OUTRAS HISTÓRIAS

EDGAR ALLAN POE



CLÁSSICOS
SARAIVA



Editora
Saraiva



ASSASSINATOS NA RUA MORGUE

E OUTRAS HISTÓRIAS

EDGAR ALLAN POE



CLASSICOS
SARAIVA

ASSASSINATOS NA RUA MORGUE

E OUTRAS HISTÓRIAS

EDGAR ALLAN POE



CLÁSSICOS
SARAIVA

Tradução de Aldo Della Nina

1ª edição

Prêmio internacional HOW Design Annual — 2010
para as capas da coleção. *HOW Magazine* é
renomada revista americana de design gráfico

Prêmio internacional AIGA 50 Books/50Covers — 2008
para o projeto gráfico da coleção pelo
American Institute of Graphic Arts (AIGA)



**Editora
Saraiva**

Gerência editorial

Rogério Gastaldo

Coordenação editorial e de produção

Edições Jogo de Amarelinha

Assistente editorial

Valéria Franco Jacintho

Projeto gráfico, capa e edição de arte

Rex Design

Ilustração da capa

Carvall

Diagramação

Rex Design

Cotejo e revisão de originais

Verba Editorial

Preparação de textos

Rita Narciso Kawamata

Revisão

Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)

Elaboração Diários de um Clássico, Contextualização Histórica e Suplemento de Atividades

Rodrigo Ribeiro

Elaboração Entrevista Imaginária e Projeto Leitura e Didatização

Heidi Strecker

Impressão e acabamento

Titulos originais dos contos desta edição: *The murders in the rue Morgue, The mystery of Marie Rogêt, The tell-tale heart, The black cat, The oval portrait, The masque of the red death, The purloined letter, The fall of the house of Usher, The sphinx, The pit and the pendulum, The gold-bug*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Poe, Edgar Allan, 1809-1849.

Assassinatos na rua Morgue e outras histórias / Edgar Allan Poe;
tradução Aldo Della Nina. – São Paulo : Saraiva, 2006 – (Clássicos Saraiva)

Título original: The murder in the rue Morgue.

ISBN 978-85-02-05954-2

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana)
I. Título. II. Série.

CDD-813.0872

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana 813.0872

12ª tiragem, 2019.

© Editora Saraiva, 2006

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados

CL: 810133

CAE: 603346

Caro leitor,

Durante todo o ensino fundamental, o estudante terá percorrido oito ou nove anos de leitura de textos variados. Ao chegar ao ensino médio, ele passa a ter contato com o estudo sistematizado de Literatura Brasileira. Nesse sentido, aprende a situar autores e obras na linha do tempo, a identificar a estética literária a que pertencem etc. Mas não passa, necessariamente, a ler mais.

É tempo de repensar esse caminho. É hora de propor novos rumos à leitura e à forma como se lê. Os CLÁSSICOS SARAIVA pretendem oferecer ao estudante e ao professor uma gama de opções de leitura que proporcione um modo de organizar o trabalho de formação de leitores competentes, de consolidação de hábitos de leitura, e também de preparação para o vestibular e para a vida adulta. Apresentando obras clássicas da literatura brasileira, portuguesa e universal, oferecemos a possibilidade de estabelecer um diálogo entre autores, entre obras, entre estilos, entre tempos diferentes.

Afinal, por que não promover diálogos internos na literatura e também com outras artes e linguagens? Veja o que nos diz o professor William Cereja: “A literatura é um fenômeno artístico e cultural vivo, dinâmico, complexo, que não caminha de forma linear e isolada. Os diálogos que ocorrem em seu interior transcendem fronteiras geográficas e linguísticas. Ora, se o percurso da própria literatura está cheio de rupturas, retomadas e saltos, por que o professor, prendendo-se à rigidez da cronologia histórica, deveria engessá-la?”

Esperamos oferecer ao jovem leitor e ao público em geral um panorama de obras de leitura fundamental para a formação de um cidadão consciente e bem preparado para o mundo do século XXI. Para tanto, além da seleção de textos de grande valor da literatura brasileira, portuguesa e universal, os CLÁSSICOS SARAIVA apresentam, ao final de cada livro, os DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO – um panorama do autor, de sua obra, de sua linguagem e estilo, do mundo em que viveu e muito mais. Além disso, oferecemos um painel de textos para a CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA – contextos históricos, sociais e culturais relacionados ao período literário em que a obra floresceu. Por fim, oferecemos uma ENTREVISTA IMAGINÁRIA com o Autor – simulação de uma conversa fictícia com o escritor em algum momento-chave de sua vida.

Desejamos que você, caríssimo leitor, desfrute do prazer da leitura. Faça uma boa viagem!

SUMÁRIO

ASSASSINATOS NA RUA MORGUE E OUTRAS HISTÓRIAS

ASSASSINATOS NA RUA MORGUE 9

O MISTÉRIO DE MARIE ROGÉT 41

O CORAÇÃO REVELADOR 87

O GATO PRETO 92

O RETRATO OVAL 101

A MÁSCARA DA MORTE RUBRA 104

A CARTA ROUBADA 110

A QUEDA DA CASA DOS USHER 128

A ESFINGE 146

O POÇO E O PÊNDULO 151

O ESCARAVELHO DE OURO 166

DIÁRIOS DE UM CLÁSSICO 201

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA 225

ENTREVISTA IMAGINÁRIA 233

ASSASSINATOS NA RUA MORGUE

Que cantos entoavam as sereias, ou que nome assumia Aquiles quando se ocultava entre as mulheres, apesar de perguntas embaraçosas, não estão além de qualquer conjectura.

Sir Thomas Browne

9

As faculdades do espírito definidas pelo termo analíticas são, em si, pouco suscetíveis de análise. Apreciamo-las apenas pelos seus resultados. O que delas sabemos, entre outras coisas, é que são para quem as possui em grau extraordinário fonte de prazeres dos mais vivos. Assim como o homem forte se rejubila com a aptidão física e se compraz nos exercícios que impelem os músculos à ação, assim também o analista se orgulha da atividade espiritual cuja função é desemaranhar. Encontra prazer até nas mais triviais ocasiões que lhe desafiam o talento. Gosta de enigmas, de rébus, de hieróglifos, e revela em cada uma das soluções um poder de perspicácia que, na opinião vulgar, assume caráter sobrenatural. Os resultados, habilmente deduzidos pela própria alma e essência do seu método, possuem, na realidade, todo o aspecto de uma intuição.

Essa faculdade de resolução adquire talvez uma grande força mediante o estudo da matemática, e particularmente do supremo ramo dessa ciência que, muito incorretamente e apenas em razão das suas operações retrógradadas, recebeu o nome de análise, como se fosse a análise por excelência. Em resumo, nem todo cálculo é, em si, uma análise. Um jogador de xadrez,

por exemplo, executa muito bem um sem o outro. Segue-se que o jogo de xadrez, nos seus efeitos sobre a natureza espiritual, é muito mal apreciado. Não pretendo escrever um tratado da análise, mas simplesmente colocar no início de uma história bastante singular algumas observações lançadas inteiramente ao abandono e que lhe servirão de prefácio.

Valho-me, pois, da oportunidade para proclamar que a grande força da reflexão é muito mais ativa e proveitosamente explorada pelo modesto jogo de damas que por toda a laboriosa futilidade do xadrez. Neste último, onde as peças são dotadas de movimentos diversos e estranhos, e representam valores diversos e variados, a complexidade é considerada – erro muito comum – profundidade. A atenção é poderosamente posta em jogo. Se se descuida um pouco, cometemos um erro, donde resulta uma perda ou uma derrota. Sendo os movimentos possíveis não somente variados, senão também desiguais em força, as possibilidades de semelhantes erros multiplicam-se bastante; e, em nove casos sobre dez, é o jogador mais atento que ganha e não o mais hábil. No jogo de damas, pelo contrário, em que o movimento é simples na espécie e sofre tão só poucas variações, as probabilidades de inadvertência são muito menores, e, não estando a atenção nem absoluta nem inteiramente concentrada, todas as vantagens obtidas por cada um dos jogadores se devem exclusivamente a uma perspicácia superior.

Para deixarmos tais abstrações, suponhamos um jogo de damas em que a totalidade das peças fique reduzida a quatro damas, e em que naturalmente não há possibilidade de esperar tolices. É evidente que aí a vitória só pode ser decidida – sendo as duas partes absolutamente iguais – por uma tática hábil, resultado de um poderoso esforço da inteligência. Privado dos recursos comuns, o analista entra no espírito do adversário, identifica-se com ele, e muitas vezes descobre, de um só relance do olhar, o único meio – um meio qualquer absurdamente simples – de o atrair a um erro ou de o precipitar num cálculo falso.

Há muito que se menciona o *whist* pela sua ação na faculdade do cálculo; e conheceram-se homens de elevada inteligência que pareciam sentir um prazer incompreensível nesse jogo, desdenhando o xadrez por frívolo. Com efeito, não há nenhum jogo análogo que mais faça trabalhar a faculdade da análise. O melhor jogador de xadrez da cristandade não pode ser outra coisa senão o melhor jogador de xadrez; mas a força no *whist* im-

plica o poder de ter êxito em todas as especulações de importância muito outra, em que o espírito luta contra o espírito.

Quando digo a força, entendo a perfeição no jogo que compreende a inteligência de todos os casos dos quais se pode tirar legitimamente proveito. Não são apenas diversos, mas complexos, e jazem muitas vezes em profundidades do pensamento totalmente inacessíveis a uma inteligência comum.

Observar atentamente é lembrar-se distintamente; e, sob esse ponto de vista, o jogador de xadrez, capaz de uma atenção intensíssima, jogará muito bem *whist*, uma vez que as regras de Hoyle, baseadas sobre o simples mecanismo do jogo, são fácil e geralmente inteligíveis.

Ter uma memória fiel e proceder segundo o livro são pontos que constituem para o vulgo o *summum* do bem jogar. Mas é nos casos situados além da regra que se manifesta o talento do analista; faz em silêncio uma multidão de observações e deduções. Os companheiros fazem, talvez, outras tantas, e a diferença de extensão da informação obtida jaz menos na validade da dedução do que na qualidade da observação. O importante, o principal, é saber o que é preciso observar. O nosso jogador não se restringe ao jogo e, apesar de o jogo lhe constituir o objeto atual da atenção, nem por isso rejeita as deduções que nascem de objetos estranhos ao jogo. Examina a fisionomia do companheiro, compara-a cuidadosamente à de cada um dos adversários. Considera a maneira com que cada companheiro distribui as cartas; conta muitas vezes, um por um, os trunfos e as figuras, graças aos olhares dos jogadores satisfeitos. Nota cada movimento da fisionomia, à medida que o jogo prossegue, e recolhe um capital de pensamentos nas expressões variadas de certeza, de surpresa, de triunfo ou de mau humor. Pelo modo de amontoar uma vaza, adivinha se a mesma pessoa é capaz de outra. Reconhece o blefe pela maneira com a qual é atirado à mesa. Uma palavra acidental, involuntária, uma carta que cai, ou que alguém vira por acaso, que se pega com ansiedade ou descuido; a contagem das vazas e a ordem pela qual estão dispostas, o embaraço, a hesitação, a vivacidade, a trepidação, tudo é para ele sintoma de diagnóstico, tudo lhe oferece à percepção aparentemente intuitiva indicações do verdadeiro estado das coisas. Realizadas as duas ou três primeiras jogadas, possui a fundo o jogo que está em cada mão, e pode jogar as cartas em perfeito conhecimento de causa, como se todos os outros jogadores tivessem voltado as deles.

A faculdade de análise não deve confundir-se com a simples engenhosidade, porque, enquanto o analista é necessariamente engenhoso, sucede frequentes vezes ser o homem engenhoso absolutamente incapaz de análise. A faculdade de combinação, ou construtividade, pela qual se manifesta geralmente tal engenhosidade, e à qual os frenologistas – não têm razão, a meu ver – destinam um órgão à parte, supondo que seja uma faculdade primordial, tem aparecido, em seres cuja inteligência se limitava com a idiotia, suficientes vezes para atrair a atenção geral dos psicólogos. Entre a engenhosidade e a aptidão analítica há uma diferença muito maior que entre a imaginativa e a imaginação, mas de caráter rigorosamente análogo. Enfim, veremos que o homem engenhoso tem sempre imaginativa, e que o homem verdadeiramente imaginativo nunca é outra coisa senão analista.

A história que se segue constituirá para o leitor um comentário luminoso das proposições que acabo de apresentar.

12 Vivi em Paris, durante a primavera e uma parte do verão de 18... Um dia, travei conhecimento com um tal C. Auguste Dupin, jovem pertencente a uma excelente família, ilustre até. Por uma série de fatos desditosos, viu-se reduzido a tal pobreza que a energia do seu caráter sucumbira e ele deixara de frequentar a sociedade e de se ocupar do restabelecimento da fortuna. Graças à cortesia dos credores, restara-lhe a posse de uma partezinha do patrimônio, e com a renda dali proveniente, achava meios, mediante rigorosa economia, de satisfazer as necessidades da vida, sem se inquietar absolutamente com as superfluidades. Os livros constituíam-lhe verdadeiramente o único luxo, e em Paris se encontram facilmente livros.

O nosso primeiro conhecimento realizou-se numa escura sala de leitura da Rua Montmartre, pelo acaso de estarmos ambos à procura do mesmo livro, bastante notável e raro; a coincidência nos aproximou. Vimo-nos cada vez mais. Interessou-me profundamente a sua história de família, que me contou minuciosamente com a candura e o abandono a que se entrega todo francês quando fala apenas do próprio eu.

Assombrou-me também a prodigiosa extensão das suas leituras, e sobretudo senti a alma absorta pelo estranho calor e frescor vital da sua imaginação. Procurando em Paris alguns objetos que constituíam o meu único estudo, percebi que a companhia de semelhante homem seria para mim um tesouro inestimável, e a partir de então dediquei-me francamente a ele.

Decidimos, por fim, viver juntos durante toda a minha permanência na cidade; e sendo os meus negócios um pouco menos atrapalhados que os dele, incumbi-me de alugar e mobilhar, em estilo adequado à melancolia fantástica do nosso caráter, uma casinha antiga e esquisita que algumas superstições, por nós desprezadas, tinham deixado deserta, quase em ruínas. Situava-se numa parte afastada e solitária do arrabalde de Saint-Germain.

Se a nossa vida naquele lugar tivesse chegado ao conhecimento do mundo, ambos teríamos sido considerados loucos, talvez loucos de um gênero inofensivo. Era completa a nossa reclusão; não recebíamos visitas. O lugar do nosso retiro permanecera segredo – cuidadosamente guardado – para os meus antigos companheiros; já fazia alguns anos que Dupin deixara de frequentar a sociedade em Paris. Vivíamos apenas dentro de nós.

Possuía o meu amigo um característico esquisito – como chamá-lo diversamente? – o de amar a noite por amor à noite; a noite era a sua paixão; e eu também caí naquela esquisitice, como nas demais que lhe eram próprias, abandonando-me à corrente de todas aquelas originalidades. A negra divindade não podia, evidentemente, ficar sempre conosco, mas nós a imitávamos. Logo ao despontar do dia, fechávamos os pesados batentes da casa e acendíamos um par de velas fortemente perfumadas que só emitiam débeis e pálidos raios. No meio daquela fraquíssima claridade, cada um de nós entregava a alma aos sonhos. Líamos, escrevíamos, ou falávamos, até que o relógio nos advertisse do regresso da verdadeira escuridão. Aí, saíamos às ruas, de braço dado, continuando a conversação do dia, perambulando ao acaso até horas bem avançadas, e procurando, através das luzes desordenadas e das trevas da populosa cidade, as inúmeras excitações espirituais que o estudo tranquilo não nos podia oferecer.

Em tais circunstâncias, não podia deixar de observar e admirar – não obstante devesse a tanto preparar-me a rica idealidade de que era dotado – uma atitude analítica particular em Dupin. Parecia sentir enorme prazer em exercê-la – talvez até em exibi-la – e confessava sem pejo toda a alegria que daquilo lhe advinha. Dizia-me, com uma risadinha divertida, que muitíssimos homens tinham para ele uma janela aberta no lugar do coração, e em geral acompanhava semelhante asserção com provas imediatas e das mais surpreendentes, tiradas de um profundo conhecimento da minha pessoa.

Naqueles momentos, os seus modos eram glaciais e distraídos; os olhos fitavam-se no vazio, e a voz, uma bela voz de tenor habitualmente, atingia notas extremas; houvera sido petulância, sem a absoluta deliberação de falar e a perfeita certeza da acentuação. Observava-o naqueles instantes, e meditava frequentemente na velha filosofia da alma bipartida. Divertia-me à ideia de um Dupin duplo, um Dupin criador e um Dupin analista.

Não se julgue, do que acabo de dizer, que vou revelar um grande mistério ou escrever um romance. O que notei naquele estranho francês era simplesmente o resultado de uma inteligência superexcitada, talvez doente. Mas um exemplo dará melhor ideia da natureza das suas observações naquela época.

Uma noite, percorríamos uma longa rua suja, aproximando-nos do Palais Royal. Aparentemente pelo menos, cada um de nós estava imerso nos seus próprios pensamentos, e já fazia uns quinze minutos que não proferíamos sílaba. De repente, Dupin disse-me:

– É realmente muito pequeno, e estaria melhor no Teatro das Variedades.

14

– Nem há dúvida, repliquei, sem pensar e sem notar a princípio, de tal modo me achava absorto, a estranha maneira pela qual o interruptor adaptava a sua palavra ao meu devaneio.

Um minuto depois, voltando a mim, foi profundo o meu assombro.

– Dupin, disse gravemente, eis uma coisa que ultrapassa a minha inteligência! Confesso-lhe, francamente, que estou estupefato e que mal posso dar crédito aos sentidos. Como pôde adivinhar que estava pensando em...?

Detive-me, para me assegurar de que na realidade ele havia adivinhado o homem em quem eu pensava.

– Em Chantilly? – terminou. – Por que essa interrupção? Você, mentalmente, estava observando que a pequena estatura dele o tornava impróprio à tragédia.

Era exatamente o que constituía assunto das minhas reflexões. Chantilly era um ex-remendão da Rua Saint-Denis que, enlouquecido pelo teatro, tentara o papel de Xerxes na tragédia de Crebillon, e todos se riam dos seus esforços.

– Diga-me, pelo amor de Deus, o método, se é que há método, cujo auxílio você logrou, neste caso, penetrar-me a alma!

Na verdade, estava mais assombrado ainda do que pretendia confessar.

– Foi o fruteiro, replicou Dupin, que o levou a concluir não ter o remendão de sapatos porte para representar Xerxes e nenhum dos papéis de tal gênero.

– O fruteiro! Você me espanta! Não conheço fruteiro nenhum!

– O homem que se atirou contra você, quando entramos na rua, há talvez um quarto de hora.

Lembrei-me, com efeito, de um fruteiro levando à cabeça um grande cesto de maçãs, e que quase me havia lançado ao chão, por descuido, quando passávamos da Rua C... para a artéria principal em que nos encontrávamos. Mas que relação tinha aquilo com Chantilly? Não conseguia atinar com ela.

Não havia a menor dose de charlatanaria no meu amigo Dupin.

– Vou explicar-lhe tudo, disse-me, e, para que possa compreender bem claramente, vamos em primeiro lugar retomar a série das suas reflexões, desde o momento do qual lhe falo até o encontro do fruteiro em questão. Os principais elos da cadeia são: Chantilly, Orion, o Dr. Nichols, Epicuro, a estereotomia, o calçamento da rua, o fruteiro.

Poucas são as pessoas que não se divertiram, num momento qualquer da vida, em refazer o curso das ideias e procurar por que caminhos o espírito chegou a determinadas conclusões. Muitas vezes, essa atividade é assaz interessante, e quem a tenta pela primeira vez se assombra com a incoerência e a distância, imensa aparentemente, entre o ponto de partida e o ponto de chegada.

Avalie-se, pois, o meu espanto quando ouvi o francês falar como falara, e fui obrigado a reconhecer que dissera a pura verdade.

Dupin continuou:

– Falávamos de cavalos – se memória não me falha – justamente antes de deixarmos a Rua C... Foi o nosso último assunto de conversação. Ao passarmos para esta rua, um fruteiro, carregando um grande cesto à cabeça, surgiu precipitadamente na nossa frente e o atirou a uma pilha de pedras num lugar em que a rua está em reparo. Você pôs o pé numa das pedras oscilantes, escorregou, e esfolou levemente o tornozelo; contrariado, murmurou algumas palavras; voltou-se para observar o monte, depois continuou o caminho em silêncio. Não prestei atenção especial ao que você fazia, mas para mim a observação tornou-se, há muito, uma espécie de necessidade. Os seus olhos pren-

deram-se ao chão, vigiando com irritação os buracos e os montes da calçada (de modo que bem vi que continuava a pensar nas pedras), até que atingimos pequena passagem chamada de Lamartine, onde se acaba de experimentar o calçamento de madeira, sistema de blocos unidos e solidamente ajustados. Aí, a sua fisionomia se abriu, vi que os lábios se moviam, e adivinhei, sem dúvida, que murmurava a palavra estereotomia, termo aplicado com bastante pretensão a esse gênero de calçamento. Sabia que não poderia dizer estereotomia sem pensar em átomos e na teoria de Epicuro; e como na discussão que mantivemos, não há muito, sobre o assunto, eu lhe fizera notar que as vagas conjecturas do ilustre grego tinham sido singularmente confirmadas, sem que ninguém o percebesse, pelas últimas teorias sobre as nebulosas e os recentes descobrimentos cosmogônicos, senti que você não poderia deixar de volver os olhos para a grande nebulosa de Orion, tinha certeza. Assim procedeu, e então já não duvidei de ter entrado realmente no seu devaneio. Ora, na amarga crítica a Chantilly, aparecida ontem no Le Musée, o satírico, fazendo alusões desgraciosas à mudança de nome do sapateiro ao calçar o coturno, citava um verso latino do qual muito falamos. Quero dizer o verso: *Perdidit antiquum littera prima sonom*. Tinha-lhe dito que se referia a Orion, primitivamente grafado Urion, e, por causa de certo aze-dume misturado à discussão, sabia que você não a tinha esquecido. Era claro, pois, que não podia deixar de associar as ideias de Orion e de Chantilly. Tal associação de ideias, notei-a pelo estilo do sorriso que lhe pairou nos lábios. Você pensava na imolação do pobre sapateiro. Até então, tinha caminhado com uma inclinação para a frente, mas de repente verifiquei que se erguia em toda a estatura. Não me restava dúvida de que estava pensando na pequena estatura de Chantilly. Foi nesse momento que lhe interrompi as reflexões para fazê-lo observar que Chantilly era pequeno demais realmente, e que estaria muito melhor no Teatro das Variedades.

Pouco tempo depois dessa conversa, percorríamos a edição vespertina da *Gazette des Tribunaux*, quando uma notícia nos chamou a atenção:

ASSASSINATOS EXTRAORDINÁRIOS – Esta manhã, pelas três horas, os moradores do bairro de Saint-Roch foram despertados por uma série de espantosos gritos provenientes do quarto andar de uma casa na Rua Morgue, ocupada na

totalidade, como se sabia, por uma Sra. l'Espanaye e sua filha, Camille l'Espanaye. Após demoras causadas por alguns esforços infrutíferos no sentido de admissão à maneira habitual, a porta foi forçada com o auxílio de uma barra, e oito ou dez vizinhos entraram, acompanhados de dois gendarmes.

Os gritos haviam cessado, mas, no momento em que todos chegavam, atabalhoadamente, ao primeiro andar, ouviram-se duas vozes fortes, talvez mais, que pareciam discutir violentamente e vinham da parte superior da casa. No segundo andar, cessaram igualmente aquelas vozes, e tudo ficou perfeitamente tranquilo. Os vizinhos percorreram os quartos. Chegados a uma grande peça situada na parte traseira, no quarto andar, e cuja porta, fechada, foi forçada, viram-se diante de um espetáculo que os aturdiu e terrorizou.

Reinava no quarto a mais completa desordem; os móveis, espatifados, espalhavam-se por todos os cantos. Do único leito, os colchões tinham sido arrancados e lançados ao meio do soalho. Sobre uma cadeira, encontrou-se uma navalha da qual escorria sangue; no átrio, três longos e fortes anéis de cabelos grisalhos, que pareciam violentamente arrancados com as raízes. No soalho, quatro napoleões, um brinco ornado de topázio, três grandes colheres de prata, três menores, de metal de Argel, e duas bolsas contendo quase quatro mil francos de ouro. Num dos cantos, as gavetas de uma cômoda, abertas, tinham sido sem dúvida saqueadas, apesar de nelas se verem intactos vários artigos. Um pequeno cofre de ferro foi encontrado debaixo da cama e não debaixo da armação da cama; estava aberto, e tinha a chave na fechadura. Encerrava apenas algumas velhas cartas e outros papéis sem importância.

Não se viam vestígios da Sra. l'Espanaye; notou-se, todavia, grande quantidade de fuligem na lareira, fez-se uma busca e – coisa horrível de dizer! – tirou-se o corpo da senhorita, de cabeça para baixo, introduzido à força e empurrado pela estreita abertura até considerável distância. O corpo estava ainda quente. Examinando-o, descobriram-se numerosas escoriações, causadas sem dúvida pela violência com a qual fora empurrado e com a qual fora retirado. Trazia fortes arranhões. A garganta apresentava equimoses e profundos sulcos de unhas, como se a morte se tivesse verificado por estrangulamento.

Após minucioso exame de cada parte da casa, que não acarretou nenhuma outra novidade, os vizinhos entraram

num patiozinho pavimentado, na parte traseira da construção. Lá, jazia o cadáver da velha senhora, com o pescoço cortado tão perfeitamente que, ao tentarem erguê-lo, a cabeça se separou do tronco. O corpo, como a cabeça, horrivelmente mutilado, mal conservava aparência humana.

O caso permanece envolto no mistério. Até agora não se descobriu, que saibamos, o menor fio condutor.

O número seguinte publicava estes pormenores extras:

A TRAGÉDIA NA RUA MORGUE – Numerosos indivíduos foram interrogados relativamente ao extraordinário caso, mas nada transpirou capaz de fazer jorrar a luz sobre o mistério. Reproduzimos os depoimentos:

Pauline Duborg, lavadeira, declara ter conhecido as duas vítimas por três anos, durante os quais sempre lhes lavou a roupa. A velha senhora e a filha pareciam viver em boa harmonia, e eram muito dedicadas uma à outra. Pagavam bem. Nada pode dizer relativamente ao gênero de vida que levavam e aos meios de subsistência. Julga que a Sra. l'Españaye lia a sorte para viver, e acha que tinha dinheiro guardado. Nunca viu ninguém na casa, quando ia levar ou buscar roupa. Tem a certeza de que as duas mulheres não dispunham de criados. Tem a impressão de que não havia móveis em parte nenhuma da casa, salvo no quarto andar.

Pierre Moreau, negociante de fumo, declara que fornecia habitualmente a Sra. l'Españaye, e lhe vendia pequenas quantidades de fumo, às vezes em pó. Nasceu no bairro e ali sempre viveu. A falecida e a filha, havia mais de seis anos, ocupavam a casa onde foram encontrados os cadáveres. Antes, habitava um joalheiro, que subalugava os aposentos superiores a várias pessoas. A casa pertencia à Sra. l'Españaye que, descontente com o locatário o qual abusava dos direitos, fora viver na casa, recusando-se a alugar qualquer parte. A boa senhora era infantil. A testemunha viu a filha cinco ou seis vezes durante os seis anos. As duas levavam uma vida excessivamente apartada, e passavam por gente de posses. Ouviu os vizinhos afirmarem que a Sra. l'Españaye lia a sorte; não acredita nisso. Nunca viu ninguém atravessar a porta, salvo a velha senhora e a filha, um carregador uma ou duas vezes, e um médico oito ou dez.

Várias outras pessoas da vizinhança depõem no mesmo sentido. Não se menciona ninguém que tenha visitado a casa. Não se sabe se a senhora e a filha tinham parentes vivos. Os postigos das janelas da frente só se abriam raramente. Os da parte traseira estavam sempre fechados, salvo os das janelas do aposento traseiro do quarto andar. A casa era muito boa, e não muito velha.

Isidore Muset, gendarme, depõe que o chamaram pelas três horas da madrugada, e que encontrou na porta principal vinte ou trinta pessoas que se esforçavam por entrar. Forçou-a com uma baioneta e não com uma barra. Não foi muito o trabalho para abri-la, pois tinha duas folhas e não estava aferrolhada nem em cima nem em baixo. Os gritos continuaram até que a porta fosse arrombada; depois cessaram subitamente. Dir-se-iam gritos de uma ou várias pessoas presas das mais cruciantes dores, gritos altíssimos, prolongados, não gritos breves, nem precipitados. A testemunha galgou a escada. Chegando ao primeiro patamar, ouviu duas vozes que discutiam em tom altíssimo e acre; uma delas, uma voz rude, a outra muito mais aguda, uma voz estranha. Distinguiu algumas palavras da primeira, que era de um francês. Está certo de que não era voz de mulher. Logrou distinguir as palavras sacré e diable. A voz aguda era de um estrangeiro. Não sabe precisamente se de homem ou de mulher. Não conseguiu adivinhar o que dizia, mas presume que falava espanhol. Essa testemunha descreve o estado do quarto e dos cadáveres nos mesmos termos por nós empregados ontem.

Henri Duval, um vizinho, ourives, depõe que fazia parte do grupo dos primeiros que entraram na casa. Confirma em geral o testemunho de Muset. Mal se introduziram, fecharam a porta para evitar a passagem a uma multidão que se ia amontoando, apesar da hora mais do que matutina. A voz aguda, segundo a testemunha, era de um italiano. Indubitavelmente não era voz francesa. Não sabe ao certo se voz de mulher; entretanto, poderia ser. A testemunha não está familiarizada com a língua italiana; não conseguiu distinguir as palavras, mas, pelo tom, está convencido ele que o indivíduo era italiano. A testemunha conheceu a Sra. l'Espanaye e a filha. Muitas vezes falou com elas. É fora de dúvida que a voz aguda não pertencia a nenhuma das duas vítimas.

Odenheimer, restaurador. Essa testemunha ofereceu-se espontaneamente. Não fala francês, e foi interrogado por meio

de um intérprete. Nasceu em Amsterdam. Ia passando pela frente da casa no momento dos gritos. Duraram alguns minutos, talvez dez. Gritos prolongados, altíssimos, horrorosos. Odenheimer foi um dos que entraram na casa. Confirma o testemunho precedente, salvo num ponto. Está certo de que a voz aguda é de homem, e de francês. Não pôde distinguir as palavras articuladas. O diálogo era em tom alto, desigual, exprimindo ao mesmo tempo temor e cólera. A voz era áspera, mais áspera do que aguda. Não pôde chamá-la precisamente de voz aguda. A voz grossa repetiu: *Sacré, diable*. E uma vez exclamou: *Mon Dieu!*

Jules Mignaud, banqueiro, da Casa Mignaud et fils, Rua Deloraine. É o mais velho dos Mignaud. A Sra. l'Espanaye tinha algum dinheiro. Ele lhe abriu uma conta na casa, oito anos antes, na primavera. A senhora, muitas vezes, depositou pequenas quantias de dinheiro. Ele nunca lhe entregou nada até o terceiro dia antes da morte, quando ela lhe foi pedir pessoalmente quatro mil francos. A quantia foi-lhe paga em ouro, e levada por um funcionário.

Adolphe Lebon, funcionário de Mignaud et fils, declara que no dia de que se trata, pelo meio-dia, acompanhou a Sra. l'Espanaye até a casa desta, com quatro mil francos, em duas bolsas. Quando a porta se abriu, a Srta. l'Espanaye, aparecendo, pegou-lhe das mãos uma das duas bolsas, enquanto a senhora o livrava da outra. Cumprimentou-as e afastou-se. Não viu ninguém na rua naquele momento. É uma travessa solitária.

William Bird, alfaiate, declara ser um dos que se introduziram na casa. É inglês. Vive há dois anos em Paris. Foi um dos primeiros a subir a escada. Ouviu as vozes que discutiam. A voz rude era de um francês; conseguiu distinguir algumas palavras, mas não se lembra delas. Ouviu distintamente *sacré* e *mon Dieu*. Naquele momento, foi como se diversas pessoas se espansassem, houve ruído de luta e de objetos quebrados. A voz aguda era fortíssima, mais forte que a voz rude. Tem certeza de que não era voz de inglês. Parecia de alemão, e talvez até de mulher. A testemunha não sabe alemão.

Quatro das testemunhas acima citadas, novamente convocadas, depuseram que a porta do quarto onde se encontrou o corpo da Srta. l'Espanaye estava fechada por dentro, ao chegarem. Reinava o mais perfeito silêncio; nem gemidos nem ruídos de espécie nenhuma. Após forçarem a porta, não viram ninguém.

As janelas, no quarto traseiro e no da frente, estavam fechadas e solidamente trancadas por dentro. Uma porta de comunicação achava-se fechada, mas não à chave. A porta que do quarto da frente dá para o corredor estava fechada à chave, e a chave encontrava-se no lado de dentro; um pequeno recinto na frente da casa, no quarto andar, entrada do corredor, estava aberto, e a porta entreaberta. O recinto repleto de velhos estrados de cama, malas etc. Foram cuidadosamente revistados todos os objetos. Não há pategada de nenhuma parte da casa que não tenha sido cuidadosamente revista. Meteram-se longas escovas nas chaminés. A casa tem quatro andares com mansardas. Uma portinha condenada, que dá para o telhado, fora solidamente fechada com pregos; parecia não ter sido aberta havia anos. As testemunhas variam quanto à duração do tempo decorrido entre o momento em que se ouviram as vozes que discutiam e o momento em que foi forçada a porta do quarto. Alguns o acham curtíssimo, dois ou três minutos. Outros, cinco minutos. A porta só pôde ser aberta com grande esforço.

Alfonso García, empreiteiro de pompas fúnebres, declara que vive na Rua Morgue. Nasceu na Espanha. Foi um dos que entraram na casa. Não subiu a escada. Tem nervos delicadíssimos, e teme as consequências de uma violenta agitação nervosa. Ouviu as vozes que discutiam. A voz grossa era de francês. Não pôde compreender o que dizia. A voz aguda era de inglês, tem certeza. A testemunha não sabe inglês, mas julga pelo tom.

Alberto Montani, confeiteiro, declara ter sido dos primeiros que subiram a escada. Ouviu as vozes. A voz rouca era de francês. Distinguiu algumas palavras. O indivíduo que falava parecia estar repreendendo. Não pôde adivinhar o que dizia a voz aguda. Falava depressa e por impulsos. Tomou-a pela voz de um russo. Confirma em geral os testemunhos precedentes. É italiano; confessa que nunca falou com um russo.

Algumas testemunhas, novamente intimadas, certificam que as chaminés em todos os quartos, do quarto andar, são demasiadamente estreitas para permitirem a passagem de um corpo humano. Quando falaram de vassouras, referiam-se às escovas cilíndricas usadas na limpeza de chaminés. Passaram-se escovas de alto a baixo em todas as canalizações da casa. Não há, na parte traseira, passagem que tenha podido favorecer a fuga do assassino, enquanto as testemunhas subiam a escada. O corpo da Srta. l'Españaye estava tão firmemente preso na chaminé que foi preciso, para o retirar, que se reunissem as forças de quatro ou cinco das testemunhas.